

**SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO A UM LUGAR:
FILME “DIVERTIDA MENTE” E A PROPOSTA DE CÍRCULO DIALÓGICO¹***FEELING OF BELONGING TO A PLACE:
“INSIDE OUT” FILM AND THE DIALOGUE CIRCLE PROPOSAL***Greice Scremin², Rosane de Fátima de Borba Calegari³ e Thaís Scotti do Canto-Dorow⁴****RESUMO**

Este artigo apresenta uma pesquisa que buscou compreender o pertencimento de crianças ao seu lugar, considerando a relação entre ser-humano e natureza em uma perspectiva ambiental. A partir disso, foram realizados círculos dialógicos com estudantes de quinto ano de uma escola municipal de Ensino Fundamental de Santa Maria, RS, com uma abordagem qualitativa fundamentada como pesquisa de auto(trans)formação, apresentando um enfoque hermenêutico. Para o processo dialógico, desenvolveram-se os Círculos Dialógicos Investigativo-Formativos (FREITAS, 2015), dos quais dois foram escolhidos para análise e interpretação que foram fomentados pelo filme “Divertida Mente”. Os encontros com os(as) coautores(as) possibilitaram os movimentos dos círculos dialógicos, em que foram discutidas temáticas sugeridas pelo grupo. Para a compreensão dos fatos e diálogos, baseou-se nos aportes teóricos de Paulo Freire (2021), Gadamer (1997), Henz e Toniolo (2015), Tuan (1983), entre outros. Os resultados mostraram que o sentimento de pertencimento a um grupo ou lugar se dá por meio das experiências vividas e compartilhadas, pela percepção do desejo agradável de “bem-estar e ficar” e pelos valores e significados atribuídos pelos sujeitos ao ambiente. As atividades de campo apresentaram potencial estratégico no estudo do fenômeno pesquisado. Os(as) coautores(as), no uso das suas percepções, foram conduzidos à reflexão e criticidade sobre realidade encontrada, demonstrando a valoração e as atitudes imprescindíveis na construção do sentimento de pertencimento a um lugar ou grupo.

Palavras-chave: ser humano; natureza; educação ambiental.

ABSTRACT

This article presents and discusses the results of a research that sought to understand children's belonging to their place, considering the relationship between human beings and nature from an environmental perspective. This work presents the results referring to the realization of dialogic circles carried out with fifth grade children of a municipal elementary school in Santa Maria, RS, with a qualitative approach based on self(trans)formation research, presenting a hermeneutic approach. For the dialogical process, the Investigative-Formative Dialogical Circles were developed (FREITAS, 2015), of which two of these were chosen for analysis and interpretation that were promoted by the film “Inside Out”. The meetings with the co-authors enabled the movements of dialogic circles, in which themes emerged and suggested by the group were discussed. To understand the facts and dialogues, it was based on the theoretical contributions of Paulo

1 Trabalho oriundo de dissertação de mestrado acadêmico - Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFN.

2 Autora, orientadora, docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFN. E-mail: greicescremin@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5686-9392>

3 Co-autora, egressa do Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFN. E-mail: rosanecalegari16@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5621-2248>

4 Co-autora, Co-orientadora, docente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, UFN. E-mail: thaistorow@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6282-7957>

Freire (2021), Gadamer (1997), Henz (2015), Tuan (1983), among others. The results showed that the feeling of belonging to a group or place occurs through lived and shared experiences, through the perception of the pleasant desire for “well-being and staying” and through the values and meanings attributed by the subjects to the environment. The field activities showed strategic potential in the study of the researched phenomenon. The co-authors, in the use of their perceptions, were led to reflect and criticize the reality found, demonstrating the essential valuation and attitudes in the construction of the feeling of belonging to a place or group.

Keywords: *human; nature; environmental education.*

INTRODUÇÃO

A educação é fundamental para que o sujeito se perceba como protagonista de sua história, reagindo frente às diferentes situações e problemáticas, sob um olhar de criticidade e liberdade. Para trabalhar as temáticas de educação e educação ambiental, o diálogo é fundamental, pois é por meio dele que o educador pode propor espaços de reflexão, crítica, desvelamento e construção na coletividade.

É nesse contexto que esta pesquisa se apoia, na perspectiva da teoria crítica de Paulo Freire, a partir dos Círculos de Cultura, pois essa linha de estudo tem como pressuposto que parte da construção do conhecimento acontece por meio do diálogo, fator básico e necessário à prática pedagógica democrática. O professor e o aluno são sujeitos e objetos no ato de aprender, e aprendem discutindo e refletindo suas inquietações.

Essa relação, entre ambos, favorece novas formas de ver o mundo, de maneira dialógica, crítica e reflexiva, levando-os a um processo de crescimento pessoal, social e cultural. O aluno consciente da sua história e como sujeito da transformação social irá questionar-se sobre as condições sociais, econômicas e políticas tão desiguais em uma sociedade que favorece alguns em detrimento de outros. Nesse sentido, o objetivo do estudo, aqui apresentado, foi o de compreender o despertar do sentimento de pertencimento a um lugar, de estudantes dos anos iniciais, a partir dos círculos dialógicos. Especificamente neste artigo, elegeram-se dois círculos dialógicos no intuito de despertar a consciência de pertencimento a um lugar, impulsionados pelo filme “Divertida Mente”.

Este texto foi organizado a partir da metodologia, onde se busca explicitar a lógica da organização das ações do estudo e, posteriormente, os resultados são discutidos de forma articulada ao referencial teórico; por fim, apresentam-se as principais conclusões da pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa realizada teve caráter qualitativo, compreendido por Minayo (2010) como aquele que se remete ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Fundamenta-se ainda como pesquisa de auto(trans)

formação e apresenta enfoque hermenêutico a partir da interpretação dos diálogos desenvolvidos nos encontros. Como procedimentos de coleta de dados e análise, optou-se pelo desenvolvimento dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos.

O contexto de pesquisa foi uma escola pública localizada em uma região de alta vulnerabilidade social, local em que a escola funciona como espaço social e cultural, recebendo as famílias diariamente, além das ocasiões de reuniões e comemorações, buscando sempre a participação efetiva dos pais ou responsáveis ao acompanhamento dos processos de aprendizagem de seus filhos. A instituição traz uma proposta de acolhimento e respeito ao outro, em uma perspectiva de valorização da comunidade e da escola como ambiente democrático, no qual todos têm oportunidade de reivindicação de seus direitos e o dever do cuidado, seja com as pessoas ou com a estrutura física.

A escola promove o reconhecimento e o respeito à diversidade, valorizando a cooperação e a solidariedade no ambiente escolar, em que todos são ouvidos. Todo o trabalho realizado na escola demonstra que se quer uma escola aberta, inclusiva, cidadã, preocupada com uma educação comprometida com socializar e democratizar o acesso ao conhecimento, provendo a construção ética e moral dos estudantes.

Além dos estudos desenvolvidos na escola, a construção de uma consciência política se faz fundamental. É importante que os alunos tenham plena consciência do seu “Eu” na sociedade, como cidadão e transformador de uma realidade social. O docente nas escolas de periferia, tem um grande compromisso e responsabilidade com a educação popular, uma educação libertadora. A educação libertadora, como diz a palavra, liberta e dá asas para a liberdade. Por meio da educação libertadora, deve-se propor aos estudantes o acolhimento afetivo, psicológico e social, mas sempre com um viés de transformação social e como sujeito da sua própria formação. De acordo com Freire (1985), “querer bem” não pode ser reduzido ao assistencialismo. O assistencialismo é um aspecto dominador na educação bancária, constrói nos educandos a passividade e o emudecimento.

Os coautores da pesquisa foram os alunos do 5º ano da turma 51, na qual a pesquisadora atua como professora regente, próprio *locus* de trabalho, ou seja, a escola. A turma é composta por 18 alunos, sendo 10 meninas e 8 meninos, com idade entre 10 e 13 anos. A maioria dos alunos reside na área denominada “invasão da caixa d’água”, localizada próximo à escola, sem saneamento básico ou qualquer infraestrutura de moradia. Suas casas são construídas, em grande parte, por madeiras reutilizadas e pouquíssimas em alvenaria. São construções em tamanhos reduzidos e, na maioria, sem divisórias, o que compromete a privacidade dos integrantes das famílias.

O delineamento da pesquisa se deu com a realização de Círculos Dialógicos Investigativos Auto(trans)formativos, conforme planejamento e organização do estudo. Foram realizados registros em um caderno de registros “diário diálogos”, no qual os coautores foram convidados, a cada encontro, para escrever uma palavra, uma frase ou um desenho. Serviu como uma breve reflexão para manifestar suas angústias, incertezas, contribuições, memórias, enfim, um instrumento para que pudessem registrar algo não dito durante o encontro anterior. E a cada encontro, os coautores compartilhavam

na coletividade os seus registros e os seus saberes, buscando um processo de construção colaborativa e auto(trans)formativa do conhecimento e de reflexão, pois “somente um trabalho coletivamente realizado pode chegar à construção de um saber” (JOSSO, 2010, p. 27).

Essa proposta de registro, baseada no registro re-criativo, foi orientada pelos fundamentos freireanos, os quais utilizam o diálogo reflexivo como princípio orientador não apenas da educação libertadora e emancipatória, mas também da compreensão de situações reais. O princípio condutor para o entrecruzamento dos resultados deve-se às obras “Pedagogia do oprimido” (FREIRE, 2021), “Pedagogia da autonomia” (FREIRE, 2009) e “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” (TUAN, 2017), que serviram como um farol, direcionando o pensar, não apenas com a pesquisa desta dissertação, mas também com o fazer humano “*para si*” (FREIRE, 2021, p. 65), modificando a coordenadora pesquisadora pela ação consciente e coletiva.

O desenho foi utilizado como ferramenta metodológica na representação da realidade observada. Os coautores demonstraram satisfação e envolvimento em transferir para o papel o fenômeno por eles analisado. O sentimento e a emoção ficaram evidentes na sua representação gráfica.

Buscou-se a compreensão da Hermenêutica como paradigma filosófico, que mostra possibilidades de organização da Educação com as classes desfavorecidas, voltada ao diálogo e à análise da realidade. A abordagem hermenêutica trouxe contribuições relevantes para a (re)construção dos sentidos investigativos e foi fundamental para o diálogo-problematizador, além de acentuar a importância de um pensar mais elaborado sobre a compreensão da realidade social e da educação.

Gadotti (2019, p. 21) destaca que “[...] a tarefa de ser professor é complexa. Implica diferentes saberes e atitudes. Implica estudo, pesquisa, atenção, visão de mundo. É uma atividade particular que exige um grau de dedicação e muito profissionalismo”. Além disso, requer amor e respeito pelas pessoas e, para um bom desempenho, o professor precisa acreditar no poder transformador e emancipatório da educação. A proposta dialógica por meio dos círculos aconteceu durante cinco encontros, com duração entre três a quatro horas cada, no período vespertino, como apresentado na Figura 1:

Figura 1 - Círculos Dialógicos Investigativos Auto(trans)formativos



Fonte: elaborado pelas autoras.

As temáticas desenvolvidas em cada encontro foram definidas por meio dos diálogos, observações, reflexões, registros e interpretações do encontro anterior, os quais serviram de âncora para as novas e contínuas discussões e reflexões. Desse modo, apenas o primeiro encontro foi previamente direcionado para o início das problematizações.

Os movimentos metodológicos dos Círculos Dialógicos Investigativo Auto(trans)formativos desenvolvidos na pesquisa constituem-se em oito movimentos: escuta sensível e olhar/aguçado; emersão/imersão das/nas temáticas; distanciamento/desvelamento da realidade; descoberta do inacabamento; diálogos problematizadores; registro re-criativo; conscientização e auto(trans)formação. Esses movimentos não ocorrem de maneira linear ou hierárquica, mas em espiral ascendente e imbricados uns aos outros. A seguir, serão descritos e discutidos os resultados referentes aos círculos dialógicos 1 e 2 que foram fomentados a partir do filme “Divertida Mente”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017), as competências socioemocionais devem estar presentes nos currículos educacionais de todas as escolas do Brasil - “são as **competências socioemocionais** que estimulam o aluno a desenvolver uma inteligência emocional, aprendendo a administrar suas próprias emoções e sentimentos”. Assim, trabalhar com Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos com os alunos, mostrou ser assertivo, pois considera-se importante o diálogo, a reflexão, a resiliência, a escuta sensível, o respeito, o colocar-se no lugar do outro, promovendo a autoconfiança e autoestima dos coautores. Com essa metodologia, os coautores foram instigados a colaborar e resolver conflitos, a desenvolver autonomia para solucionar problemas, os quais aprenderam a importância de tomar decisões responsáveis.

CÍRCULO DIALÓGICO Nº 1: FILME “DIVERTIDA MENTE”

O filme apresenta a história de Riley, uma garota divertida de 11 anos de idade, que deve enfrentar mudanças importantes em sua vida quando seus pais decidem deixar a sua cidade natal, no estado de Minnesota, para viver em San Francisco, EUA. Dentro do cérebro de Riley, convivem várias emoções diferentes, como a Alegria, o Medo, a Raiva, o Nojinho e a Tristeza. A líder deles é Alegria, que se esforça bastante para fazer com que a vida de Riley seja sempre feliz. Entretanto, uma confusão na sala de controle faz com que ela e Tristeza sejam expelidas para fora do local. Agora, elas precisam percorrer as várias ilhas existentes nos pensamentos de Riley para que possam retornar à sala de controle e, enquanto isto não acontece, a vida da garota muda radicalmente.

Após assistirem ao filme, foi solicitado que os coautores desenhassem um personagem do filme, aquele que mais lhes tivesse chamado a atenção (Raiva, Nojo, Alegria, Medo e Tristeza), e que os colorissem de acordo com o que foi observado no filme, enfatizando que o trabalho era individual.

Os coautores demonstraram hesitação e confusão na escolha dos personagens. Foi notória as dificuldades de escolha, alguns ficavam dispersos e outros olhavam para os lados, na tentativa de copiar o trabalho do outro. No círculo, os coautores demonstraram inibição e constrangimento ao interagirem com os demais no grupo. Foi necessário diálogo e motivação por parte da pesquisadora coordenadora para que os coautores dessem início à suas falas e apresentações dos trabalhos. A primeira a se expressar foi a coautora Bruna (Figura 2):

- *Desenhei a Alegria.* (Bruna)
- *Por quê?* (pesquisadora coordenadora)
- *Não sei.* (Bruna)

Figura 2 - Desenho de Bruna.



Fonte: arquivos da pesquisa.

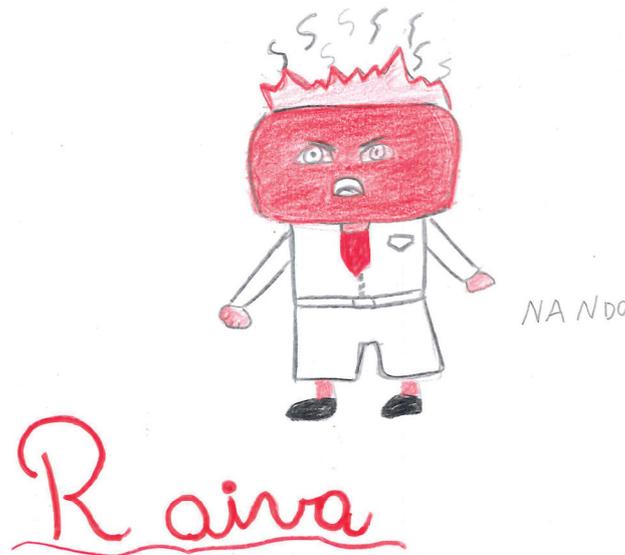
Data da Realização: agosto/2022.

Temática do círculo dialógico nº 1: Filme: “Divertida Mente”.

Nando expressa-se da seguinte forma (Figura 3):

- *Profi, desenhei a Raiva.* É o mais legal. (Nando)
- *Por que escolheu a Raiva?* (pesquisadora coordenadora)
- *Ele é o mais tri de todos.* (Nando)

Figura 3 - Desenho de Nando.



Fonte: arquivos da pesquisa.

Data da Realização: agosto/2022.

Temática do círculo dialógico nº 1: Filme: “Divertida Mente”.

Com a escuta sensível e olhar aguçado, a pesquisadora coordenadora foi orientando e articulando os movimentos propostos nos círculos dialógicos. Os movimentos dos círculos dialógicos não se dão por hierarquia, acontecem de maneira imbricada, por meio do diálogo, respeito e amorosidade. Cuidadosamente, a pesquisadora coordenadora, foi conduzindo as discussões, mas sempre mantendo o foco no tema de pesquisa e nas temáticas geradoras que surgiam na fala dos coautores. A especificidade vocabular (variedade linguística), oriundas do meio, somada aos aspectos psicossociais, por vezes, tem sido um dos motivos da dificuldade de identificação da expressão das emoções e sentimentos.

Quando chegou a vez do coautor Jonas mostrar o seu desenho, a folha estava em branco. E quando lhe perguntado o porquê, permaneceu em silêncio. Com movimento rápido, girou o corpo em direção ao encosto da cadeira. Cabe dizer que o coautor Jonas costuma usar um casaco de inverno pesado, com o capuz puxado para frente e uma máscara até a altura dos seus olhos. Apresenta dificuldades de interação com o grupo e, por qualquer motivo, é agressivo com os colegas em sala de aula. Os problemas de relacionamentos e agressividade na família são conhecidos pela escola. Paulo Freire denominou este fenômeno em várias de suas obras, mais especificamente em *Pedagogia do Oprimido* (1978), de “Hospedagem”. O oprimido vira hospedeiro do seu próprio opressor e acaba reproduzindo as relações de violência (física ou simbólica) a que está acostumado.

Para Damásio (2000), reprimir a raiva, por ser uma emoção considerada negativa, não resolve o problema, pois apenas se está a negá-la. E isso, de alguma forma, é uma tentativa de desconsiderá-la, desconhecê-la.

Considerando o filme “Divertida Mente”, os coautores apresentaram dificuldades em justificar, verbalmente, as suas preferências pelos personagens. O personagem mais desenhado pelos coautores foi a Raiva, porque, segundo justificativa dos coautores, era vermelho e o mais bonito. A cor vermelha pareceu influenciar na escolha do personagem. A **cor** é um elemento importante no processo de comunicação e um componente com grande influência no cotidiano, interferindo nos **sentidos, emoções e decisões**. Outro aspecto a considerar seria o comportamento da Riley, quando estava insatisfeita, a cabeça do personagem Raiva explodia literalmente. É como se diz no dia a dia: “Que raiva! Minha cabeça vai explodir de tanta raiva”. Essa emoção parece estar mais evidente na vida dos coautores que as demais. A percepção dessa emoção (a raiva) é muito presente pelo mundo exterior, pois ocorrem mudanças corporais, são inconscientes, as pupilas dilatam, o corpo libera adrenalina e os batimentos cardíacos se elevam. A raiva gera ansiedade, preocupação, nervosismo e angústia e, com certeza, prejuízos na aprendizagem e no comportamento, podendo chegar mesmo à agressividade. De acordo com Freire (1999, p. 203), “a ansiedade e as preocupações invadem os canais do pensamento, por serem oriundas de uma estrutura mais primitiva mais rápida. Elas ocupam e bloqueiam os canais do raciocínio normal, e com isso diminuem nossa capacidade de aprender”.

No momento em que a pesquisadora coordenadora perguntou: por qual motivo escolheram a raiva? Os coautores responderam: não gostariam de falar ou porque sim. Foram notórias as dificuldades dos coautores de externarem suas emoções por meio dos diálogos nos círculos dialógicos. O silêncio também tem a sua própria voz e muito a dizer.

A não superação da raiva desencadeia estados de espírito, o que poderá levar o aluno a padrões de comportamentos não desejáveis de relações, transformando-se num aluno classificado como “aluno-problema” em decorrência de todo esse processo afetivo e cognitivo. Como já salientado, a raiva pode ser um obstáculo à aprendizagem. Para Freire (1999, p. 203), “uma criança com distúrbios emocionais vai sempre ter enormes dificuldades de aprendizagem”. A linguagem faz parte do processo dialógico-crítico-reflexivo. Para Gadamer, a experiência hermenêutica dá-se de forma plena quando a linguagem acontece pelo diálogo. Assim,

[...] faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos ambos chegar a nos pôr de acordo com relação à coisa (GADAMER, 1997, p. 561).

Freire (2009) trata da importância e da necessidade de se criarem condições para diálogos entre os coautores dos círculos dialógicos. De acordo com o autor, o “diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação, enquanto homem” (FREIRE, 2009, p. 91). Defende-se o diálogo como uma troca equilibrada, na qual se ouve e fala com o outro e não para o outro. Nessa perspectiva, o diálogo possibilita enxergar a si próprio e compreender o outro em relação a seus

pensamentos e sentimentos. No decorrer das falas e discussões, foi possível perceber o segundo movimento, descoberta do inacabamento. Ficaram evidentes as dificuldades dos coautores em dialogarem em um clima reflexivo, problematizador e acolhedor.

Essa dificuldade percebida pela pesquisadora coordenadora gerou uma ação reflexiva constante, frente à postura de enfrentamento de situações conflituosas e desafiantes no grupo de pesquisa. Para Schon (2000, p. 31-32), “o conhecimento-na-ação refere-se ao conhecimento que revela o nosso saber fazer. A reflexão-sobre-ação acontece quando pensamos sobre o que fizemos no passado ou ainda, logo em seguida da ocorrência do fato, nos distanciamos para pensar sobre”. E ainda, na perspectiva freireana a práxis é o princípio da reflexão sobre a prática.

Assim, refletindo sobre a sua práxis, a pesquisadora coordenadora se viu diante da temática para o próximo Círculos Dialógicos Investigativos Auto(trans)formativos: Emoções e Sentimentos. Freire (2009) trata da importância e da necessidade de se criar condições para diálogos entre “nós e todos”. De acordo com o autor, o “diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação, enquanto homem” (FREIRE, 2009, p. 91). Vale frisar que, na perspectiva freireana, o diálogo é uma categoria central da construção do conhecimento. Defende-se o diálogo como uma troca equilibrada, na qual se ouve e fala com o outro, e não para o outro. Nessa perspectiva, o diálogo possibilita enxergar a si próprio e compreender o outro em relação a seus pensamentos e sentimentos.

CÍRCULO DIALÓGICO Nº 2: FILME “DIVERTIDA MENTE” (CONTINUAÇÃO)

Cabe aqui dizer que o Círculo Dialógico nº 1 precisou ser estendido a mais um encontro do grupo. A pesquisadora coordenadora apresentou fragmentos do filme para que servissem de aportes para a discussão e reflexão das questões, como:

1. *Qual parte do filme você mais gostou? Por quê?*
2. *Qual parte do filme você menos gostou? Por quê?*
3. *Com quais momentos da vida de Riley você se identificou? Comente sua experiência.*
4. *Se você fosse Riley, o que você faria diferente? Por quê?*
5. *Qual a importância de cada sentimento nas decisões de Riley?*
6. *Em sua opinião, qual o sentimento mais importante? Por quê?*

A pesquisadora coordenadora, cuidadosamente, foi articulando as discussões, mas sempre mantendo o foco no tema da pesquisa e nas temáticas geradoras que surgiam na fala dos coautores. Nesse círculo dialógico, os coautores, somente respondiam quando instigados pela pesquisadora coordenadora, interagindo de maneira superficial. Muitas vezes, surgiram conversas desvinculadas da temática proposta, ficando ausente o diálogo de compreensão e recompreensão presente no

círculo dialógico. Vale lembrar que os coautores desta pesquisa, na maioria, têm idade de 10 a 11 anos. Essa é uma fase em que, embora já apareçam as transformações físicas, o cérebro ainda é infantil. Nessa idade não existem “assuntos sérios”, somente brincadeiras. Daí suas dificuldades, resistência e imaturidade ao interagir um com o outro de maneira reflexiva e introspectiva. A hermenêutica gadameriana destaca o valor da introspecção e reflexão que se encontram além do método científico, sendo que esses valores se encontram no primeiro plano da fenomenologia hermenêutica (GADAMER, 2007).

Para Paulo Freire, a educação nessa fase da vida precisa ser assumida com seriedade, diferenciar-se das relações vividas no seio da família, mas sem deixar de contemplar a alegria de viver. As escolas não devem empregar, condicionar a atitudes de obediência, que desvalorizam a essência da criança, como se elas fossem seres previsíveis, robotizados, manipuláveis. Freire acredita na educação dialógica que respeita a construção de cada ser, dentro e a partir do seu contexto, respeitando e viabilizando a autonomia da criança. Dessa forma, “o inacabado de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2009, p. 58)

Pensando que os professores também são seres inacabados e se constituem a partir do outro, o diálogo sobre a infância se torna uma ferramenta indispensável para que se possa compreender que a educação percebida “como prática estritamente humana jamais [...] poderá ser uma experiência fria, sem alma, em que os 4 sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista” (FREIRE, 2009, p. 142).

Considerar as produções e expressões das crianças pode ser um indicador importante na idealização de uma pedagogia freireana. Mas, para construir tal compreensão, requer que os professores desenvolvam habilidades para escutar e não só falar. Assim, os círculos dialógicos investigativo-auto(trans)formativos (HENZ; TONIOLO, 2015) e as rodas de conversa, intituladas por Paulo Freire como “Círculos de Cultura”, constituem o diálogo como principal perspectiva metodológica, proporcionando momentos de fala e de escuta. Ao escutar o outro, coloca-se no lugar de sujeitos aprendentes. Tem-se a possibilidade de exercitar o pensar certo defendido por Freire, ou seja, dialogar entre a prática e a teoria. Ao ouvir o outro, não se anulamos e nem mesmo se torna concordante totais daquela fala, pois o ouvir proporciona colocar-se no lugar do outro a partir do seu contexto e, com isso, dialogar com as diferentes experiências, ou seja, um diálogo-problematizador com uma opção política de enfrentamento à sociedade dominante. Assim, constrói-se de forma dialética, um novo ou enriquecido conhecimento.

A seguir, apresentam-se falas de coautores.

- Eu escolhi a Alegria. Fiquei muito feliz quando ganhei o meu cachorro Tuk Tuk. E também escolhi a Raiva, o Tuk Tuk comeu veneno de rato e morreu. (Maya)

A seguir o desenho de Maya (Figura 4):

Figura 4 - Desenho de Maya.



Fonte: arquivos da pesquisa.

Data da Realização: agosto/2022.

Temática do círculo dialógico nº 2: Filme: “Divertida Mente”.

- Pra mim, Raiva, eu também fico bravo, quando meu mano me incomoda. Eu puxo o cabelo dele e daí ele chora. (Leon) Figura 5:

Figura 5 - Desenho de Leon.



Fonte: arquivos da pesquisa.

Data da Realização: agosto/2022.

Temática do círculo dialógico nº 2: Filme: “Divertida Mente”.

A coautora Akimi, com expressão chorosa, desabafa:

Não queria falar. Pra mim a Tristeza. O meu pai vai embora da nossa casa. E a minha mãe chorou. (Akimi) Figura 6:

Figura 6 - Desenho de Akimi.



Akimi

Fonte: arquivos da pesquisa.

Data da Realização: agosto/2022.

Temática do círculo dialógico nº2: Filme: “Divertida Mente”.

O ser humano se manifesta por meio de várias linguagens (emoções, sentimentos, expressão verbal, desenhos, símbolos etc.). Os sentimentos da coautora Maya podem ser nitidamente interpretados por meio da sua produção. O seu cachorrinho morreu, foi enterrado no pátio da sua casa, virou uma estrelinha e foi para o céu. E, no lugar em que o animal foi enterrado, nasceu uma plantinha. A coautora demonstrou o movimento da conscientização, pelo processo de reflexão-ação-reflexão, em que possibilitou a inserção crítica e transformadora dos participantes na realidade. O animal de estimação foi enterrado, demonstrando cuidados com o meio ambiente num processo de amorosidade e percepção ambiental.

Nas interações, compartilham-se experiências, histórias, afetos e vivências. Na linguagem, o ser humano constrói e se constitui, cria, recria e se auto(trans)forma no emocionar. As interações baseadas no amor, na gentileza e cordialidade ampliam e melhoram a convivência, enquanto na agressão destroem muitas vezes o significado de Família e pertencimento a um Lugar. Muito bem retratada na fala e no desabafo da coautora Akimi, quando pronuncia “nossa casa”. É importante lembrar que pertencimento é algo que se constrói, não nasce de um dia para o outro. O pertencimento é construído por vínculos afetivos, por experiências compartilhadas, por memórias e lembranças divididas. Para o ser humano viver no mundo, que é preenchido de lugares com significados e repletos de afetividade, ele precisa conhecer seu próprio lugar.

CONCLUSÕES

O grande fluxo de transferências e matrículas na escola provocaram a elaboração desta pesquisa. Alunos são transferidos para outras escolas e até mesmo para outras cidades a qualquer tempo. Em um curto período, retornavam para a escola, sendo novamente matriculados. As famílias pareciam “não ter paragem” em um lugar. Era notória a indiferença das famílias em relação ao local em que moravam, não criavam raízes, parecendo não valorizar o lugar em que vivem. Isso fica claro na falta de cuidado com os espaços de uso comum da comunidade ao redor da escola.

Essa realidade levou a pesquisadora, autora deste trabalho, a desenvolver, junto aos estudantes do quinto ano, esta pesquisa, com a seguinte problemática: Como os círculos dialógicos podem contribuir para despertar a percepção ambiental e o sentimento de pertencimento a um lugar por parte de crianças dos anos iniciais?

A fim de compreender e interpretar os diálogos, foi desenvolvido um enfoque hermenêutico por compreender que ele corrobora a compreensão, o desvelamento e a interpretação do que é significativo para cada coautor deste estudo. Nesse sentido, foi importante estar consciente da relevância de suas e vivências dentro de seu contexto sócio-histórico-cultural, por estar em consonância com a proposta dos Círculos Dialógicos Investigativos Auto(trans)formativos.

Considera-se que os objetivos do estudo foram alcançados, entretanto, como escolheu-se os dois primeiros círculos dialógicos, foi possível perceber que os coautores apresentaram dificuldades na participação, argumentação e intervenção nos diálogos com o grupo, mesmo diante da mediação da pesquisadora. O comportamento tímido e introspecto e a falta do diálogo dos coautores levaram a pesquisadora coordenadora ao distanciamento/desvelamento da realidade (movimento do círculo dialógico), sendo necessária a reflexão-ação-reflexão com tomada de decisão.

É por meio da linguagem que se compreende o que tem significado para cada pessoa, partindo de suas vivências e experiências, dentro do contexto em que vivem e atuam. Isso apenas se faz possível quando se possibilita o diálogo, em um processo de interação e compreensão, apoiando o protagonismo do aluno. É a maneira como se interpreta o mundo e se relaciona com ele que permite ou não a compreensão global. A linguagem faz essa mediação, entre a própria percepção ambiental e a percepção do outro, usando peculiaridades da fala em um contexto cultural no qual vive a comunidade.

Nesse sentido, destaca-se a importância do comprometimento com a busca pela transformação, rigorosidade e conhecimento. E, sobre esse aspecto, pontua-se a rigorosidade metódica não com sentido autoritário, mas no sentido de demandar a presença dos coautores como instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. São esses atributos que se procurou problematizar com os coautores para instigá-los à inquietação e rigorosa curiosidade, para se criarem situações de auto(trans)formação. A pesquisadora coordenadora apoiou-se na hermenêutica para interpretar a diversidade de sentidos dos coautores, entretanto, mesmo instigados pela pesquisadora coordenadora,

grande parte dos coautores, demonstrou inibição e relutância em deixar emergir seus pensamentos, experiências vivenciais e saberes.

Neste momento, se fez necessário o distanciamento/desvelamento de uma realidade para que a pesquisadora coordenadora pudesse desvelar a sua realidade, de maneira a intervir, tomada de consciência crítica de sua ação-reflexão-ação. Partindo da ideia de que a vida humana é tecida pelas relações que a sua essência estabelece com o meio, gerando laços, emoções e sentimentos.

Por fim, os resultados mostraram que o sentimento de pertencimento a um grupo ou lugar se dá por meio das experiências vividas e compartilhadas, pela percepção do desejo agradável de “bem-estar e ficar” e pelos valores e significados atribuídos pelos sujeitos ao ambiente e às relações humanas. As atividades dos círculos dialógicos apresentaram potencial estratégico no estudo do fenômeno pesquisado, pois os(as) coautores(as), no uso das suas percepções, foram conduzidos à reflexão e criticidade sobre realidade encontrada, demonstrando a valoração e atitudes imprescindíveis na construção do sentimento de pertencimento a um lugar ou grupo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 15 mar. 2022.

DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 78. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **A sombra desta mangueira**. São Paulo. Olho d'Água, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREITAS, L. M. Círculos Dialógicos Investigativo-formativos: uma proposta epistemológico-política de pesquisa. In: HENZ, C. I.; TONIOLO, J. M. S. A. (org.). **Dialogus**: círculos dialógicos e humanização e auto(trans)formação de professores. Santa Maria: Oikos, 2015.

GADAMER, H-G. **Verdade e Método I**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GADAMER, H-G. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**: um estudo introdutório. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2019.

HENZ, C. I.; TONIOLO, J. M. S. A. (org.). **Dialogus**: círculos dialógicos, humanização e auto(trans) formação de professores. São Leopoldo: Oikos, 2015.

JOSSO, M. C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2017.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.